

## **Produção autobiográfica autista nas redes sociais: identidade e comunidade<sup>1</sup>**

Laila Cristina ZIN<sup>2</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

### **RESUMO**

Esse trabalho pretende compreender a relação entre a busca da identidade em indivíduos autistas e sua expressão dentro das redes sociais. Por apresentarem dificuldades em se comunicar de maneiras tradicionais e possuírem uma imaginação ativa que funciona de maneira diferente da típica, as redes sociais podem ser ótimas ferramentas para a expressão de autistas. Misturando vídeos, fotografias, textos e ilustrações, autistas ocupam redes sociais como o *Instagram* e o *TikTok* investigando sua identidade, construindo comunidades e educando o público que entra em contato com esse conteúdo.

**PALAVRAS-CHAVE:** autismo; identidade autista; redes sociais; autobiografia; identidade.

### **CORPO DO TEXTO**

#### **Introdução**

As pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm sido historicamente silenciadas, tendo suas vozes comumente representadas por seus médicos, pais e cuidadores. Além disso, grande parte da bibliografia sobre o TEA foca nas dificuldades enfrentadas pelas crianças, ignorando o fato de que elas crescerão e se tornarão adultos. Ao afastar o indivíduo autista da produção de conhecimento sobre sua própria condição, temos a impressão de que esses indivíduos são tratados como espécimes em observação, sem nada a dizer.

Essa posição de descrença sobre a capacidade cognitiva e emocional dos autistas poderia ser justificada por décadas, mas não é certo que, no momento atual, pesquisadores continuem excluindo a voz dos autistas de suas obras, especialmente quando consideramos os importantes nomes autistas tanto no campo da literatura quanto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pelo Promel UFSJ, email: laila.zin@gmail.com.

na pesquisa. Sendo assim, pretendemos compreender a produção autista no ambiente das redes sociais como um desdobramento da expressão desses indivíduos.

O neurologista Oliver Sacks afirma que “...o autismo, embora possa ser visto como uma condição médica, também deve ser encarado como um modo de ser completo, uma forma de identidade profundamente diferente...”. Portanto, falar em conteúdo produzido por autistas é também falar sobre como eles vêem e vivenciam o mundo. Dessa forma, procuramos analisar diferentes formas de produção autista compartilhada nas redes sociais para compreender as características dessa produção.

### **O autismo e o autista**

Na intenção de compreender esses indivíduos, é preciso conhecer, ainda que minimamente, as características do Transtorno do Espectro Autista. De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), feito pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2018), o TEA “é definido como um transtorno do desenvolvimento neurológico e global, que deve estar presente desde a infância, apresentando importantes déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais” (NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013).

O TEA faz parte de um grupo ainda maior, o dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), que são transtornos que acometem mecanismos cerebrais de sociabilidade, trazendo problemas no desenvolvimento social, cognitivo e de comunicação. Os prejuízos na interação social, alterações da comunicação e padrões estereotipados ou limitados de comportamento e interesse se desenvolvem desde a infância e os sinais podem já ser bastante perceptíveis com, aproximadamente, três anos de idade. (KLIN, 2006)

O uso do termo “espectro”, empregado desde 2013, dá a entender que o transtorno se apresenta de diferentes formas em cada indivíduo. Marteleto et al. (2011) afirmam que os comportamentos da síndrome se manifestam de maneira heterogênea, podendo ser possível que algumas crianças falem, enquanto outras se mantêm em mutismo; algumas podem manter contato social mesmo com dificuldades, outras não demonstram nenhum contato; e, além disso, algumas crianças podem apresentar retardo mental, enquanto outras apresentam desenvolvimento cognitivo normal.

A maioria das pesquisas sobre o autismo ainda tem como foco as condições fisiológicas e neurológicas do transtorno, sem se aprofundarem nos aspectos psicológicos e sociológicos do TEA, e esse tipo de enfoque acaba prejudicando os próprios autistas. Aqueles que possuem uma necessidade menor de suporte dificilmente são diagnosticados durante a infância e esse diagnóstico se torna cada vez mais difícil ao atingirem a idade adulta, afinal, a maior parte das referências acadêmicas e dos estereótipos perpetuados pela mídia sobre o Autismo desconsideram que as crianças vão crescer e continuar apresentando dificuldades enquanto adultos.

Segundo Cooper, Smith e Russel (2017), o autismo é só uma das múltiplas identidades que formam um indivíduo e o recebimento do diagnóstico pode influenciar tanto positiva quanto negativamente na visão da pessoa sobre si mesma. O diagnóstico, porém, tem uma importância que supera aquela da construção de um senso de identidade, pois auxilia que o indivíduo compreenda melhor as dificuldades que lida no dia-a-dia, validando-as e eliminando a sensação de isolamento.

### **Construção de uma comunidade**

De acordo com Cooper, Smith e Russel (2017), sentir-se parte de um grupo social traz efeitos positivos tanto físicos quanto psicológicos, sendo assim de extrema importância que o autista se veja como parte de uma comunidade que o acolhe e compreende, e não mais precisar enfrentar os estigmas sociais sozinho. O estabelecimento de uma comunidade autista forte ainda recebe muita negatividade devido aos preconceitos trazidos por anos de representação precária na mídia. Vemos que, assim como outros grupos de minorias se utilizam da *internet* para trocar informações e experiências, os autistas também passam a se apropriar desse espaço para construir um ambiente seguro.

É importante entender que o transtorno do espectro autista, de acordo com Jim Sinclair (1993), é “impregnante, colore cada experiência, cada sensação, percepção, pensamento, emoção e encontro, todos os aspectos da existência”. Ao compreender o autismo como uma diferença humana, e não como uma doença, é possível ver o caminho pela perspectiva das possibilidades, ao invés das dificuldades. Hoje os indivíduos autistas conseguem se estabelecer como uma comunidade rica e diversa, de

cultura própria e capaz de combater preconceitos e lutar por mais representatividade política e midiática.

### **Da autobiografia para as redes sociais**

Já sabemos que a maior parte da bibliografia disponível para compreender o autismo é assinada por profissionais da área da saúde, educação ou pais e cuidadores de autistas. Enquanto essas vozes têm sua importância e merecem ser ouvidas, elas estão limitadas à suas próprias experiências e compreensão do mundo. Também compreendemos que, nem sempre, um indivíduo autista aprenderá a se comunicar oralmente como se espera, mas isso não significa que essa pessoa não saiba usar as palavras ou que não possa se comunicar efetivamente com a utilização de outros suportes.

A escrita tem sido amplamente usada para a comunicação entre autistas e neurotípicos durante muito tempo. Marina Bialer (2015), por exemplo, pode perceber em seus estudos que “Na literatura autobiográfica de autistas constatamos a presença de vários autistas extremamente inteligentes e sensíveis que são erroneamente considerados débeis mentais, seja pela família, seja pelos profissionais responsáveis pelos seus tratamentos”. E enquanto essa informação pode parecer chocante, ela é a realidade de muitos autistas que jamais tiveram a oportunidade de se expressarem por não se encontrarem dentro do padrão esperado de comunicação.

Hoje apontado como um dos inauguradores da tradição de escritos autobiográficos de autistas, o autor Birger Sellin é exemplo da dificuldade dos indivíduos que se comunicam de maneira não-verbal: viveu em mutismo quase absoluto, até começar a escrever seus textos autobiográficos quando tinha entre 17 e 18 anos de idade. Sellin (1995) conta em um de seus livros: “Eu não sou uma pessoa real sem a escrita porque isto é meu único meio de expressão que eu tenho e este é o único meio de mostrar como eu penso”. E enquanto o próprio escritor admite que talvez essa não seja a melhor solução definitiva de comunicação, Bialer (2015) salienta que é uma maneira de não só possibilitar a expressão, mas também funciona como forma de organizar os pensamentos e, mais ainda, é responsável por conseguir criar laços entre o autista e aqueles ao seu redor.

É importante considerar que, com as mudanças trazidas pelo DSM-V, em 2013, o campo de estudos autistas já pode usufruir de uma maior riqueza e nuances em suas fontes de estudos. Essa multiplicidade de vozes só tende a aumentar, como enfatiza Bialer (2014, p.452) quando os autistas, estejam eles em quaisquer níveis de funcionamento, “começaram a produzir literatura, *blogs*, textos, vídeos, entre outros, os quais relatavam seu funcionamento psíquico e suas histórias de vida”. Essa produção que ultrapassa a constituição clássica de literatura, promovida pela facilidade do acesso à *internet* e novas ferramentas de criação de mídia, também permite que autistas de diferentes culturas, classes sociais e níveis de instrução compartilhem seus relatos autobiográficos. Um dos exemplos concretos que pode ser citado é a utilização da *hashtag* “*actually autistic*”, na qual pessoas com o TEA compartilham suas experiências e podem se conectar entre si.

### **Considerações finais**

Percebemos que, na criação autobiográfica de autistas, assim como na de outros grupos marginalizados, existe um desejo de ensinar, de informar às pessoas sobre sua situação. Segundo Bialer (2014, p. 453): “o material autobiográfico é formulado pelos autores como objetivo de ensinar às outras pessoas um pouco mais sobre o mundo de isolamento autístico, compartilhar as singularidades de seu funcionamento psíquico e no que isso embasa maneiras diferentes de experienciar a vida”. Essa mesma característica é percebida da produção autista para as redes sociais, seja por meio de vídeos ou textos, indivíduos compartilham como é a vida de dentro do espectro para que outras pessoas passem a entender sua condição, assim como outros autistas compreendam que não estão sozinhos em suas experiências.

De acordo com Stuart Hall (2002), nossa identidade, ainda que mutável, é construída pela forma como a mídia nos representa. Dessa maneira, o movimento neurodivergente e os ativistas que se utilizam da *internet* como suporte para divulgar suas experiências, têm grande impacto na maneira com a qual os autistas se veem e se sentem hoje. Mesmo que a mídia tradicional continue reproduzindo estereótipos ultrapassados, as redes sociais se tornaram ferramentas para modificar a realidade e expressar a identidade autista.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre :Artmed, 2014.

BIALER, M. A escrita terapêutica no autismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 18(2), 221-233. 2015.

BIALER, M. A LÓGICA DO AUTISMO: uma análise através da autobiografia de um autista. **Psicologia em Estudo**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 645-655, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/hyzJRrGFGnPV5Jyz5gkSHZr>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

BIALER, M. Literatura de autistas. **Estilos da Clínica**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 451, 21 dez. 2014. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). Disponível em <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/89736>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

COOPER, K., SMITH, L. G. E., e RUSSELL, A. **Social identity, self-esteem, and mental health in autism**. *Eur. J. Soc. Psychol.*, 47: 844–854. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ejsp.2297>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KLIN, A. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, May 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 de abr. de 2023.

MARTELETO, M. et al. Problemas de comportamento em crianças com transtorno autista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 5-12, jan/mar 2011.

NUNES, Débora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico de; SCHMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, [S.L.], v. 29, n. 56, p. 557-572, 6 nov. 2013. Universidad Federal de Santa Maria. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10178>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

SELLIN, B. **I don't want to be inside me anymore: messages from an autistic mind**. (A. Bell, trad.). Nova York: Basic books, 1995.



**INTERCOM** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

SINCLAIR, J. 1993. Don't mourn for us. **Autism Network International**. Our Voice. Newsletter of Autism Network International. 1993. Disponível em: [https://www.autreat.com/dont\\_mourn.html](https://www.autreat.com/dont_mourn.html). Acesso em: 11 de abr. de 2023.